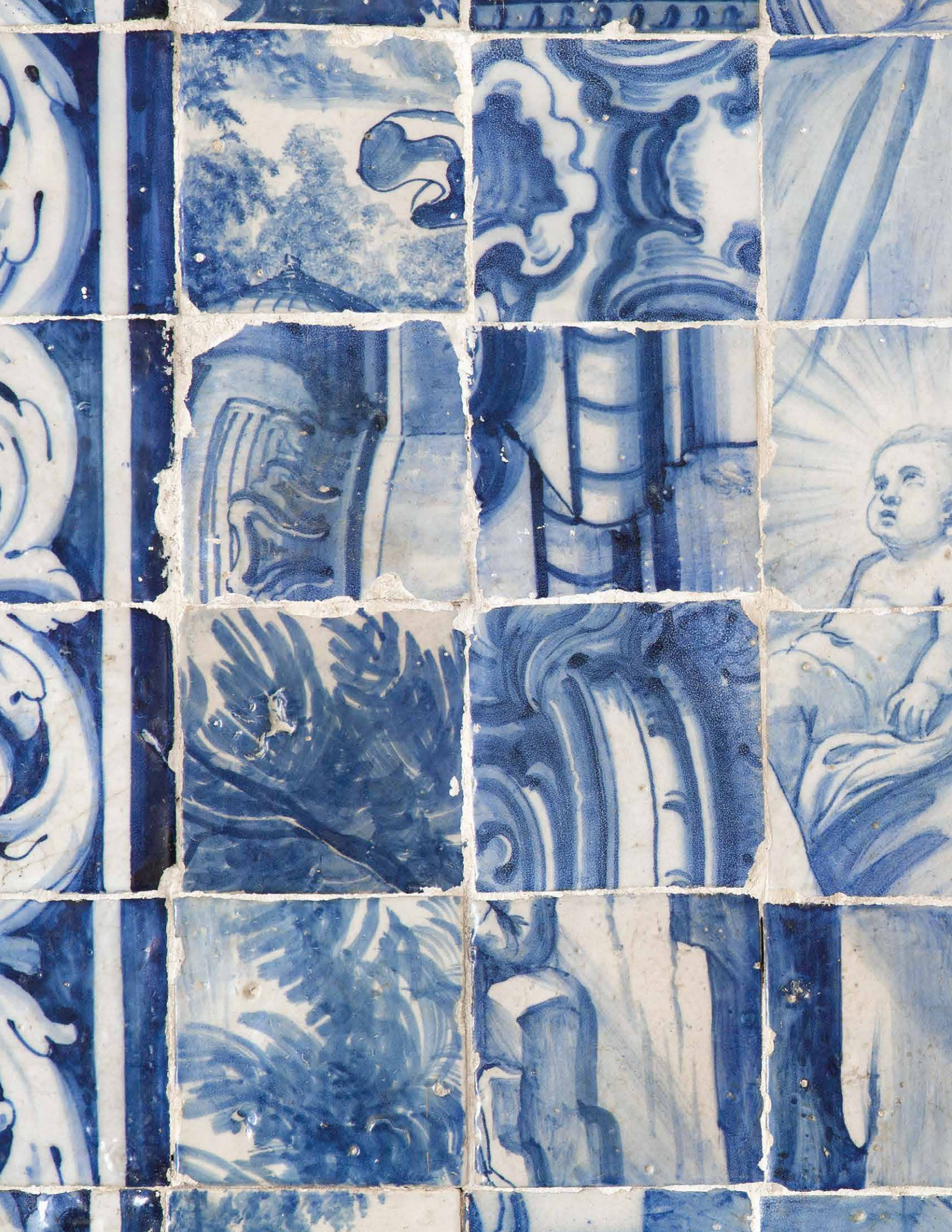




A VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS EM OLINDA

Fotografias de Josivan Rodrigues







José Luiz Mota Menezes

A VENERÁVEL
ORDEM TERCEIRA DE
SÃO FRANCISCO DE ASSIS
EM OLINDA

Fotografias de Josivan Rodrigues

Recife

Bureau de Cultura

2024

FICHA TÉCNICA

Autor **José Luiz Mota Menezes**

Fotografias **Josivan Rodrigues**

Projeto gráfico **José Luiz Mota Menezes e Robson Lemos**

Tratamento de Imagens **Robson Lemos**

Edição **Clarisse Fraga, Carolina Lopes e Josivan Rodrigues**

Revisão de texto **Catarina Queiroz, Clarisse Fraga, Carolina Lopes e José de Melo Lima Filho**

Produção executiva e editorial **Clarisse Fraga - Bureau de Cultura**

Administração **Edmar Fernandes**

Impressão **Gráfica Facform**

Incentivo **Funcultura, Fundarpe - Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, Secretaria de Cultura, Governo do estado de Pernambuco**

M543 MENEZES, José Luiz Mota

A Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis em Olinda-PE. Recife:
Bureau de Cultura, 2024.
84 p. il.

ISBN 978-65-87313-10-8

1. Igreja da Ordem Terceira de São Francisco. 2. São Francisco. 3. História da Arte. 4. Arquitetura. 5. Olinda-PE. I. Título.

Bureau de Cultura

CDD 720

CDU 726

Produção:



Incentivo:



Secretaria
de Cultura



SUMÁRIO

Apresentação	7
Histórias em depoimento	9
Antecedentes da Ordem Terceira de São Francisco de Assis	11
A Venerável Ordem Terceira de São Francisco em Olinda	20
Arquitetura conventual e a Ordem Terceira de Olinda	27
A Arquitetura do Conjunto Franciscano de Olinda	29
A Capela de São Roque	40
<i>A construção</i>	41
<i>A ornamentação interior</i>	41
<i>As pinturas dos forros</i>	42
<i>O forro artesoadado</i>	44
Os Santos, Beatos e Monges	49
<i>A pintura da Virgem da Conceição</i>	51
<i>A iconografia de São Francisco</i>	53
<i>São Carlos Borromeu</i>	60
<i>S. Joana Rainha de Castela</i>	60
<i>S. Fernando Rei de Castela</i>	60
<i>S. Branca Rainha de França</i>	63
<i>B. João Duns Escoto - D. Subtil</i>	63
<i>Liam Arcebispo - Frei Leão</i>	63
<i>B. Mateus Rubeo</i>	67
O Restante das ornamentações	75
Considerações finais	79
Bibliografia	83



APRESENTAÇÃO

Em História, a primeira informação não nos parece satisfazer o conhecimento desejado. Os documentos são guardados segundo os interesses daquele momento histórico em que foram gerados. Comumente, nos casos da natureza do que ora estudamos são os registros contábeis que importam, e isto estende-se por algum tempo. Tornam-se necessárias outras fontes para que tenhamos ainda uma história com incompletudes.

Na história da Venerável Ordem Terceira da Vila de Olinda, optamos por diferentes informações. A primeira delas de um padre, o Moraes, de data bem próxima da construção da capela de São Roque (1737). Depois, a informação do Orbe Seráfico de Frei Jaboatão; seguimos com a do historiador Francisco Augusto Pereira da Costa, incluímos uma nossa e, por fim, temos um Relatório da restauração do retábulo-mor da mesma capela, realizada pelo Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI). Numa das fontes, diz-se que a fundação da ordem se daria no princípio do século XVI. Sendo assim, seria a primeira a se criar no Brasil. Nos demais textos, nada mais se diz sobre a questão. Seria falso o dito pelo padre Moraes? Quase nada se investigou a respeito, com exceção do Frei Jaboatão. Não se investigou. A história final ainda exige informações mais completas sobre os representados no grande forro artesoadado. As inscrições da época estão incompletas, isto hoje, mas deveriam ser sabidas quando o pintor as fez. Um texto em história, parece-nos, sempre está a se completar. Assim desejamos.

José Luiz Mota Menezes



HISTÓRIAS EM DEPOIMENTOS



ANTECEDENTES DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

A Ordem Terceira, instalada junto aos conventos franciscanos em toda a parte do mundo, tem sua fundação contemporânea à existência de São Francisco de Assis. Muito se escreveu sobre tal tema e, de presente, interessa-nos destacar as pinturas e outros elementos artísticos presentes na Capela de São Roque, dos Terceiros de Olinda, Pernambuco.

Para atingir tal meta, temos de repassar o que então tem sido aceito com referência à fundação, no século XIV, da referida instituição religiosa de leigos.

No ano de 1737, o Padre Manoel da Sylva Moraes dedica à Senhora D. Fillipa de Noronha um texto sobre a Vida admirável [...] do Seráfico São Francisco de Assis. O livro foi impresso nas Oficinas de Manoel Fernandes da Costa, Impressor do Santo Ofício, com todas as licenças necessárias.

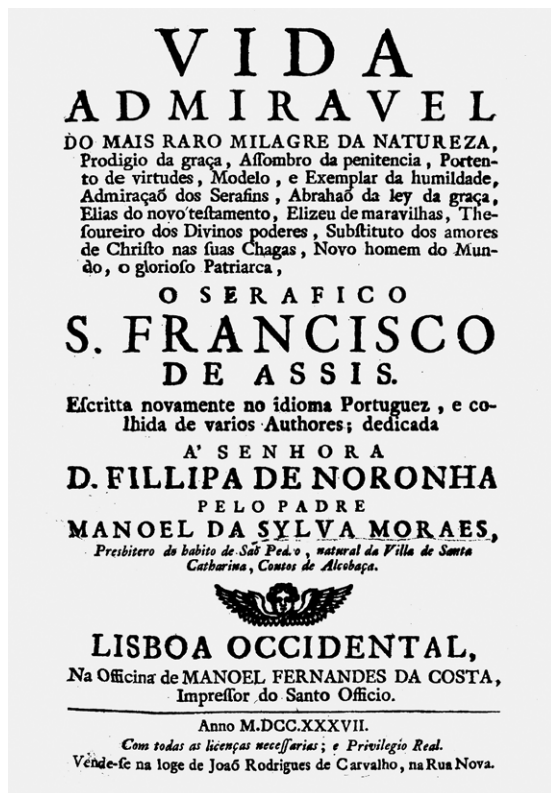
A narrativa, à semelhança de outra de igual época está organizada segundo diversas fontes consultadas, mas é enriquecida de um teor bem afim com a narrativa literária, onde se exaltam as virtudes do santo e seu caráter edificante, situação capaz de emocionar o leitor.

A fundação da Venerável Ordem Terceira de São Francisco está contida no capítulo X e, assim, está redigida:

CAPÍTULO X

Do princípio da Venerável Ordem Terceira.

Poucos dias depois da expedição do Capítulo geral, em que foi eleito Fr. Elias, saiu S. Francisco de Assis a pregar penitência pelos lugares vizinhos com insaciável sede, que tinha da saúde das almas. Entrou em uma povoação, chamada Canaréa, (Não seria Cascinea N.A.) quatro léguas distante de Assis, onde foi tal a eficácia, que o Senhor pôs em suas palavras para desprezo das vaidades do Mundo, e o justo apreço das coisas do Céu, que grande parte dos seus ouvintes quiseram abraçar os rigores da



Capa do livro de MORAES, Padre Manoel da Sylva, 1737.

penitência, e fugindo das tormentas do século pôr-se em um porto da Religião. Foram tantas as pessoas, que de um e outro sexo buscavam a quietação dos claustros, que por não despovoar aquele e outros lugares, se viu obrigado a negar-se de seus fervorosos desejos. Persuadia-lhe muito de propósito a que em suas casas, e em o estado de vida, que Deus lhes tinha dado, que lhe podiam fazer a sua Majestade muitos serviços. Prometeu formar uma Regra, ajudado da luz Divina, em que lhes daria forma, para que achassem, em as praças do século as quietações da soledade, e em as larguezas, a tropelias de Babilônia os silêncios pacíficos de Sion. Isto mesmo lhe succedeu em outros povos do Ducado de Florença, e nessa mesma cidade, fundou uma Congregação e Irmandade de muitos que se sentiram tocados do ardente espírito de sua pregação, os quais em muitas coisas imitavam os cândidos costumes da primitiva igreja, principalmente em a negação de seus bens, fazendo de todos uma pelia de que tiravam o necessário para o sustento, e decência civil, e o demais que sobrava repartiam em o socorro dos pobres, principalmente encarcerados.

Dos acréscimos dos bens unidos e das esmolas que puderam adquirir fundaram um célebre Hospital, junto dos muros da cidade, para curar os enfermos, e acomodar pobres anciões, em cujas assistências se empregavam os mais nobres e luzidos da Cidade. As mulheres, que em ponto de piedade e devoção têm adquirido o primeiro crédito com aclamação da igreja, fundaram com tanta emulação outra Congregação à parte com sua ministra, onde se exercitaram em muitas obras de misericórdia. Ainda hoje está de pé seu Hospital, sito em a Praça de Santa Maria Novella, com a vocação de São Paulo. Estas Congregações cresceram muito depois do nosso ínclito Português Santo Antônio de Pádua e o Hospital antigo se mudou a sítio mais acomodado, junto à igreja de S. Martinho, para que os pobres fossem servidos com mais eficiência e comodidade. Os Congregantes desse Hospital se chamavam os bons varões de S. Martinho pela vizinhança da igreja desse Santo; porém sempre se conservaram com o título de penitentes da Venerável Ordem Terceira do Glorioso Padre São Francisco (MORAES, 1737, p. 280-281).

A narrativa é muito clara e dela podemos colher e comentar alguns aspectos:

Deus quis que entre os homens, uns fossem senhores, e outros servos, de tal maneira que os senhores estejam obrigados a venerar e amar a Deus e que os servos estejam obrigados a amar e venerar o senhor (MORAES, 1737).

Muitos são os conceitos e definições sobre a sociedade na Idade Média, onde viveu São Francisco, mas, indiscutivelmente, as relações sociais entre os senhores dos feudos e seus servos eram, sem maiores contestações, desumanas.

A sociedade era formada por estamentos com status fixos: os senhores e os servos, em que os servos eram presos à terra e obrigados a prestar serviços e pagar impostos aos senhores. Uma forte concentração de poder estava com o monarca e a igreja a este atrelada, colhendo tais benefícios das diferenças entre os homens.

Diante de tal quadro, é por demais conhecida a ação subversiva da ordem estabelecida por Francisco de Assis, filho de um fabricante e negociante de tecidos. Esse se revolta diante do modelo de trabalho do próprio pai, diante da situação social vivida pelos operários da fábrica, então comum aos demais negociantes de igual época, com apoio integral da igreja. Por outro lado, tem início, talvez, com Francisco, a questão do poder da igreja e do estado na manutenção dessa ordem social entre dominados e dominadores, tão forte naquele século XIV.

Em Francisco estava presente, assim como, tempos depois, foi o mote de Santa Teresa d'Ávila. Ou seja, a busca das ideias religiosas contidas nas origens do cristianismo e dedutíveis das palavras e ações de Jesus Cristo. Para tal busca, ele e seus companheiros tiveram grandes dificuldades de aprovação da instituição criada pelo poder dominante da igreja.

Eram os novos religiosos mendicantes, o que não representava aquela igreja então associada ao poder do estado, ora existente e que assim permaneceu por longo período de tempo, provocando posteriormente o protesto do monge Lutero.

O padre Moraes (1737) foi feliz ao escrever:

Foram tantas as pessoas, que de um e outro sexo buscavam a quietação dos claustros, que por não despovoar aquele e outros lugares, se viu obrigado a negar-se de seus fervorosos desejos. Persuadia-lhe muito de propósito a que em suas casas, e em o estado de vida, que Deus lhes tinha dado, que lhe podiam fazer a sua Majestade muitos

serviços. Prometeu formar uma Regra, ajudado da luz Divina, em que lhes daria forma, para que achassem, em as praças do século as quietações da soledade, e em as larguezas, a tropelias de Babilônia os silêncios pacíficos de Sion.

Francisco organiza a *Regra* e - isto o mais notável e exemplar dos acontecimentos -, desde que partiu do desejo da gente, organizou uma Ordem de leigos com o objetivo social então por ele e seus companheiros perseguidos, ou seja, a proteção dos mais pobres, dos anciões, a fundação para tal finalidade e outras de um Hospital.

É o próprio Moraes, ainda, quem nos informa que o primeiro hospital se instalou junto à Igreja de Santa Maria Novella, em Florença. Depois se transferindo para São Martinho, onde estaria melhor instalado. É necessário entender que tal organização não deveria passar de salas para os doentes e outra para os trabalhos médicos.

De Florença deve tal transformação social ter atingido outros locais da Itália. Em Portugal,

em 1439, Fr. João da Ribeira era Ministro Provincial da Terceira Ordem Regular. Esta, com a congênere espanhola, formou Congregação independente, com Ministro Geral próprio. Reformada em 1568, foi adstrita à Província de Portugal. Provavelmente em 1586 terá passado à obediência direta do Ministro Geral da Observância. Ganhou autonomia, em 1780, ao se transformar em Congregação Lusitana dos Regulares da Terceira Ordem da Penitência. Com casa provincial em Nossa Senhora de Jesus dos Cardais, em Lisboa, a congregação foi extinta em 1834.

De Portugal, a Ordem Terceira vem para o Brasil. Mas ela nos chega bem antes de 1780. O que significa uma origem mais bem afim com a Itália, ou com outros lugares do velho mundo.

Carla Manuela Baptista da Silva Oliveira, em tese que escreveu para obtenção de Mestrado em Patrimônio e Turismo, no Instituto de Ciências Naturais, em 2003, informa-nos sobre a chegada dos franciscanos em Portugal e assim da Ordem Terceira:

Dá-se o nome “franciscanos” aos frades que vivem segundo a regra de vida que São Francisco de Assis (1191-1226) elaborou para todos aqueles que o quisessem



seguir, professando na família religiosa intitulada Ordem Franciscana. Esta nova ordem religiosa não era puramente contemplativa como as então existentes, mas seguia o ideal de vida apostólica, em especial a pregação.

No princípio da sua formação a designação que tiveram era de Frades Menores, nome dado pelo fundador, por considerar os que dela faziam parte como os mais pequenos, humildes, pobres e os últimos dos últimos. A regra deste estilo de vida foi aprovada em 1210 por Inocêncio III, em forma de esboço, e em 1223 confirmada por Honório III, na sua redação definitiva. A mesma insistia fundamentalmente nos votos da obediência, pobreza e castidade, na submissão ao Papa, na renúncia total ao dinheiro ou a qualquer propriedade de terras e edifícios. Eram penitentes, vivendo das esmolas e do trabalho, peregrinos de terra em terra falando acerca de Deus, e descansando temporariamente em eremitérios.

A Ordem dos Frades Menores não tardou em espalhar-se pelo continente europeu e tornou-se vulgarmente conhecida pela designação de Ordem Seráfica. Apesar de as narrativas acerca da visita de São Francisco a Portugal no ano de 1214, aquando de uma peregrinação a Santiago de Compostela, não encontrarem confirmação segura nas fontes medievais, vários autores relatam que os seus seguidores se estabeleceram nas Espanhas, e no nosso país em 1217, sob a chefia de Frei João Parente, como resultado da decisão tomada no capítulo geral da ordem desse ano, de enviar os primeiros frades para fora de Itália, organizados em grupos que deviam obediência a um ministro, as províncias pessoais. Passados dois anos, no capítulo geral da Porciúncula, de 1219, a organização provincial foi reforçada pela criação das províncias territoriais, sendo uma delas a de Espanha, ou das Espanhas, a qual abrangia os cinco reinos cristãos que formavam a Península Ibérica: Aragão, Navarra, Leão com a Galiza, Castela e Portugal. Neste último, os primeiros eremitérios foram os de 1217, em Lisboa, Guimarães e Alenquer, e seguiu-se o de Coimbra, que já existia em 1220.



Detalhe do símbolo da Ordem Franciscana.

Nesse processo de difusão do ideal franciscano, ficaram conhecidos os nomes dos dois primeiros fundadores, que

foram: Frei Zacarias de Roma, em Alenquer, e Frei Gualter, em Guimarães, ainda hoje lembrado na tradição popular vimaranense das Festas Gualterianas.

A ordem franciscana de Portugal dependia da província de Espanha, até esta se dividir em três, entre 1232 e 1239: Aragão, Castela e Santiago, incluindo esta última o território português (e por esta razão várias vezes apelidada de Província de Portugal) até 1378, como veremos mais adiante. Dado que a mesma era extensa poderia ser dividida em custódias, formando os conventos portugueses a Custódia de Portugal. No capítulo provincial de 1272 esta foi desmembrada em duas: a de Lisboa – com os sete conventos de Alenquer, Leiria, Évora, Estremoz, Portalegre, Santarém e Lisboa – e a de Coimbra, composta pelos seis de Lamego, Porto, Coimbra, Covilhã, Guarda e Guimarães. Por sua vez, o convento de Bragança, documentado desde 1271, de acordo com o fator de proximidade geográfica, passou a pertencer à de Orense. A terceira custódia portuguesa surgiu em 1330: a de Évora, contando com as casas de Évora, Beja, Portalegre, Loulé, Estremoz e Tavira.

O Cisma do Ocidente, de 1378 a 1415, contribuiu para a redefinição do enquadramento jurídico dos franciscanos de Portugal, conferindo-lhe a independência. A favor do papa de Avinhão (Clemente VII) estavam as cinco custódias espanholas da Província de Santiago, aderindo à política oficial do reino de Castela, enquanto que as portuguesas mostravam fidelidade ao papa de Roma (Urbano VII), originando em 1382 que a província se desdobrasse em duas, cada uma delas com o respectivo ministro provincial, um em Santiago, relacionado com Avinhão, e o outro em Lisboa, ligado a Roma. Esta ruptura foi ainda mais acentuada entre 1384 a 1387, com a guerra entre Portugal e Castela. A nova província portuguesa teve a sua legalização canónica formalizada no capítulo geral de 1418 ou de 1421.

Nos princípios, os frades franciscanos tinham como principal actividade externa o ministério pastoral da pregação e a celebração dos sacramentos. Atribuindo extrema importância à educação religiosa, alguns

conventos depressa abriram escolas públicas onde se ensinava gramática, filosofia e teologia: em Lisboa e Santarém estão documentadas desde 1261, assim como as de Guimarães, Porto, Coimbra, Alenquer, Évora e Beja, quase todas provavelmente do mesmo século XIII. A escola que ganhou maior projecção foi a de teologia de Lisboa, elevada a estudo geral da ordem no capítulo geral de Assis de 1340, e incorporada na universidade da mesma cidade em 1453, pelo Papa Nicolau V.

Paralelamente, fazendo ainda Portugal parte da província de Santiago, na ordem franciscana surgiram, desde meados do século XIV, duas tendências: o conventualismo e a observância.

Para abrigo das escolas e dos estudantes foram construídos vários conventos desenhados com amplidão, geralmente localizados nos centros urbanos, e, ao mesmo tempo, os papas permitiam que neles houvessem, para sustento dos frades, propriedades e rendas. Com isto, os franciscanos foram-se inclinando para a conventualidade e abandonando o contato íntimo com as populações. Nos conventos adeptos deste movimento dava-se privilégio à disciplina regular da vida comum, praticando-se a regra quanto à matéria de pobreza, com dispensas pontifícias, e mantendo escolas públicas. A vida quotidiana desta geração franciscana era pautada pela regularidade dos ofícios litúrgicos e das lições nas escolas, regida por um ritmo quase monacal, oposto à prática da itinerância dos primeiros frades. Este era o perfil geral dos conventos em Portugal, em meados do referido século.



Vista de cima do Conjunto da Ordem Franciscana, em Olinda.



Convento dos Franciscanos, em Olinda.

Porém, alguns franciscanos não esqueceram a vida pobre dos eremitérios, e a ela fervorosamente se dedicaram, formando o movimento da Observância em fins do século XIV. Os observantes surgiram na Itália e, posteriormente, na França, Espanha e em Portugal, no ano de 1392, sendo desde então, vários eremitérios e conventos aqui implantados. Moravam, geralmente, em sítios ermos ou em lugares rurais. Defendiam a observância integral da regra, a prática da austeridade e da pobreza, a simplicidade dos edifícios, e privilegiavam a oração mental e a pregação de índole popular. Se no início deste

movimento a importância dos estudos era desvalorizada, em princípios do século XV, na segunda geração da observância, os mesmos foram retomados e regressava-se progressivamente aos meios urbanos, não abandonando, no entanto, as fundações eremíticas.

Devido às diferenças entre as duas correntes, em 1517, altura em que a província franciscana portuguesa era já independente, o papa Leão X decretou a divisão da ordem na Ordem dos Frades Menores de Regular Observância, ou apenas frades menores, e a dos Frades Menores Conventuais. Esta decisão pontifícia foi igualmente posta em prática no mesmo ano em Portugal, passando a existir a província de Portugal de Regular Observância (vinte e sete casas com sede no Convento de São Francisco da cidade de Lisboa) e a Província de Portugal dos Claustrais ou Conventuais (esta com vinte e duas casas sediadas no Convento de São Francisco do Porto). Quanto às três casas da Madeira ficaram a pertencer aos observantes, e as cinco do arquipélago dos Açores aos claustrais.

Após vários conflitos e disputas, e a pedido do cardeal D. Henrique em 1567, na altura regente do reino, por breve do papa Pio V, os conventuais foram extintos e integrados nos observantes no ano seguinte, regressando a Portugal somente quatro séculos mais tarde, em 1967.

Os franciscanos observantes ficaram a ser conhecidos simplesmente por franciscanos, e conheceram uma grande proliferação no número de fundações e de professos, desde os séculos XIV e XV, como se vê pelo prestígio de que gozavam e pelas mercês que alcançavam dos monarcas, especialmente no século XVI – neste período a Província de Portugal foi progressivamente dividida em províncias menores (segundo proposta de D. João III, alegando que as grandes distâncias entre os conventos dificultava o seu governo) – e aquando da expansão portuguesa, enviando missionários

A VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO EM OLINDA

Em Olinda, a Ordem Terceira chegou bem no início da ocupação do lugar. Sobre a origem da ordem escreve o nosso cronista Jaboatão¹ (1858-62):

Neste ano (1712) foi construído o edifício do consistório da Ordem terceira de São Francisco da cidade de Olinda, em comunicação interna com a sua capela junto à igreja do respectivo convento, e salientemente disposto, cuja data, de 1711, se vê inscrita no frontão da porta de entrada do edifício, cuja fachada fica em ângulo reto com a da referida igreja.

No entanto, o cronista observa ser a fundação e instalação da ordem em um momento histórico bem mais anterior:

Em a vila de Olinda, ou Marim de Pernambuco, assistiu muitos anos um religioso franciscano, de quem não nos deixaram notícias individuais os daqueles tempos, nem de que província era, nem como ali veio ter; mas só que fora o instituidor de uma capelinha de São Roque no lugar em que hoje está fundado o mosteiro do patriarca São Bento, e que nela dera princípio a uma irmandade de terceiros da ordem da penitência, que foi a primeira que houve no Brasil, onde muitos daqueles moradores vestiram o seu hábito, faziam o exercício e mais obrigações desta venerável ordem, a qual por ausência daquele religioso ficara administrando o vigário de São Pedro Mártir, por ficar no distrito desta paróquia a referida capelinha, que pela sua muita antiguidade mostrava ter a fundação logo nos princípios ou pouco depois que foi fundada a vila de Olinda, sendo este religioso também dos

1. Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, nascido Antônio Coelho Meireles (Santo Amaro do Jaboatão, 1695, Pernambuco — Bahia, 07 de julho de 1779) foi um frade franciscano, historiador, genealogista, orador, poeta e cronista brasileiro. Escreveu a publicação *Novo Orbe Serafico Brasilico*, ou *Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil*. Demonstra-nos que o grande arco veio a ser aberto depois de 1712.

primeiros que ali foram, ou logo em companhia do seu donatário, ou alguns anos depois.

Pereira da Costa assim se refere à tal capela de 1712:

Na referida Capela de São Roque, portanto, foi instituída a Ordem Terceira de São Francisco, e onde permaneceu regularmente funcionando por muitos anos, até que, fundado o convento dos padres da mesma ordem em Olinda, em 1585, resolveram os irmãos terceiros transferi-la para a sua igreja, o que logo fizeram, conduzindo consigo a imagem do seu padroeiro e tudo o mais que pertencia à referida capela, e assim ficando regularmente instalada a corporação. Fundando os irmãos terceiros, para a sua sede, uma capela anexa à igreja do convento, desapareceu a completa reconstrução deste, surgindo assim, em seu lugar, a que ora se vê, e sob a sua mesma originária invocação de São Roque de Montpellier. A respeito escreve o referido cronista:

Jaboatão nos informa, por sua vez: “Passados para o convento os irmãos terceiros, não se acha clareza em que ano deram princípio à construção da sua primitiva capela: para a que ao presente vemos, entra-se para ela por um espaçoso arco, de talha hoje, sendo o antigo de pedra lavrada, e fica no corpo da nossa igreja à parte do Evangelho, com sacristia, casa de exercícios e outras mais, que servem de depósito aos andares, imagens e paramentos que compõem a sua procissão de cinza, que também não consta quando teve princípio, e a fazem com zelo e asseio, como é particular, e cuidadoso empenho de todas as veneráveis Ordens Terceiras, logrando esta aqui sobre as mais, a excelência de que, sendo como elas em Ordem Terceira, alcançou em Olinda a primazia ou prerrogativa de primeira nos progressos e estabelecimentos, para honra de seus irmãos e glória do santo patriarca, pai de todos”.

A capela, de limitadas dimensões, é porém de uma bela perspectiva pela sua caprichosa decoração, em que particularmente realçam as suas obras de



Fachada da porta de entrada da Ordem Terceira de S. Francisco de Olinda, em ângulo reto com a frente da Igreja de Nossa Senhora das Neves, da Ordem Primeira.



Interior da Igreja de Nossa Senhora das Neves e vista para o arco de acesso à Capela de São Roque. Talvez inicialmente não existisse grande arco e sim uma porta de acesso para a capela.



talha, em profusão e obedecendo a um plano geral de belíssima concepção artística; os trabalhos de tornearia dos seus balaústres; a pintura do forro da nave, em pequenos painéis emoldurados e bem dispostos; e as suas duas ordens de cadeiras, de alto espaldar, unidas, em linha, ao correr das paredes laterais do santuário, para assistência dos irmãos terceiros aos atos religiosos celebrados na capela, e junto às quais, em cada um dos seus extremos, fica um altar, tudo de um cunho de muita beleza e arte.

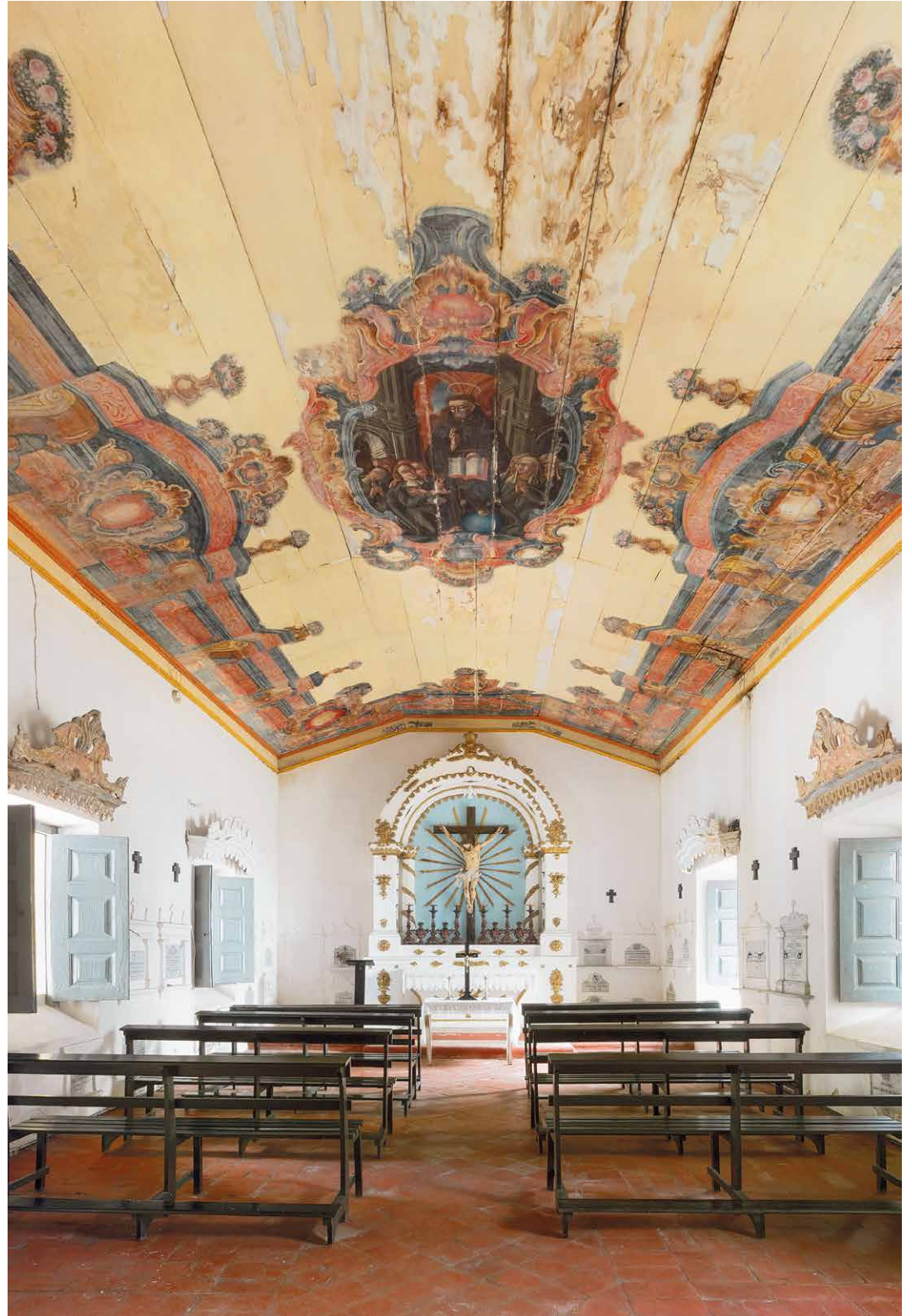
Ladeando o arco da capela-mor figuram outros dois altares, de profusa ornamentação de talha dourada, que assim se estende até o cornijamento geral do forro da nave. O vetusto e belo santuário, felizmente, ainda mantém toda a sua originária feição característica, tão louvavelmente respeitada, e praza aos céus que jamais mãos profanas a destruam, para remodelá-lo, modernamente, como em má hora se tem feito a uns tantos outros.

Junto à portaria de entrada para o consistório da ordem, fica a Capela dos Noviços, acaso de construção contemporânea à da igreja da mesma ordem, como parecem indicar as sanefas das suas portas, de antigo trabalho de talha. O padroeiro da capela, o Sr. Bom Jesus das Necessidades, figura no seu altar, convenientemente decorado, e no alto das suas paredes se veem dispostas várias imagens da extinta procissão de cinzas, ficando a parte inferior toda cheia de jazigos das famílias dos membros da corporação.

Em uma área de proporcionadas dimensões, descoberta, e junto ao templo, fica o cemitério privativo da ordem.

A instituição, que conta a sua existência por séculos, tem um pequeno patrimônio e celebra com solenidade a festa do seu padroeiro, São Roque, no seu próprio dia, a 16 de agosto, e bem assim outros atos próprios da ordem, segundo a sua regra ou estatutos particulares.

As pinturas dos forros da sacristia da Capela de São Roque e da Capela dos Noviços foram realizadas à Mineira, poderíamos dizer bem de acordo com a segunda metade de setecentos, inclusive com o emprego de cores bem diferentes das utilizadas nas demais pinturas do convento. Aproximam-se mais das utilizadas por Athaide e outros pintores daquele período histórico.



Capela dos Noviços, localizada na área interna da Ordem Terceira de São Francisco de Olinda. O seu altar é bem obra tardia e de má execução.



ARQUITETURA
CONVENTUAL E A
ORDEM TERCEIRA
DE OLINDA



A ARQUITETURA DO CONJUNTO FRANCISCANO DE OLINDA

O conjunto franciscano se espalha horizontalmente sobre uma colina voltada para o mar e pertence à escola franciscana de construções conventuais. Encontra-se entre as primeiras obras vinculadas, posteriormente a tal modelo construtivo. As várias fases da construção a inclui entre os monumentos mais importantes da capitania de Pernambuco. Do convento de Olinda se tem boa representação (C), em gravura, anterior ao incêndio da vila. Trata-se de estampa gravada, que ilustra o livro de Johannes de Laet, intitulada *Marim d'Olinda* (1630-31).



Acima, gravura e detalhe da estampa gravada *Marin d' Olinda*, de J. de Laet (1630-31).

Observando-se a estampa, o convento e a igreja de Nossa Senhora das Neves são construções que se situam a meia altura, aproximadamente, em relação ao Colégio dos Jesuítas e o nível do mar. Em altura, o conjunto franciscano é bem modesto, parecendo ter apenas dois andares e estes mesmos de pouco pé direito. A cerca do convento, em madeira, à maneira de uma paliçada, demarca o limite com a ladeira e contorna o conjunto conventual descendo até próximo à praia, mas deixando um espaço, onde se encontra o fortim (F) que balisava a parte Norte da defesa da vila. Diante da igreja, do lado de fora da cerca, um cruzeiro está bem definido, à maneira dos franciscanos.

A construção franciscana, hoje, não apresenta o mesmo aspecto daquele do século XVI. Cresceu, mas numa escala humana, segundo os desejos da Regra de Francisco. O primeiro convento era bem simples, igreja e claustro, com sacristia por detrás do altar-mor. Este foi queimado, em 1631, em seus telhados e soalhos.

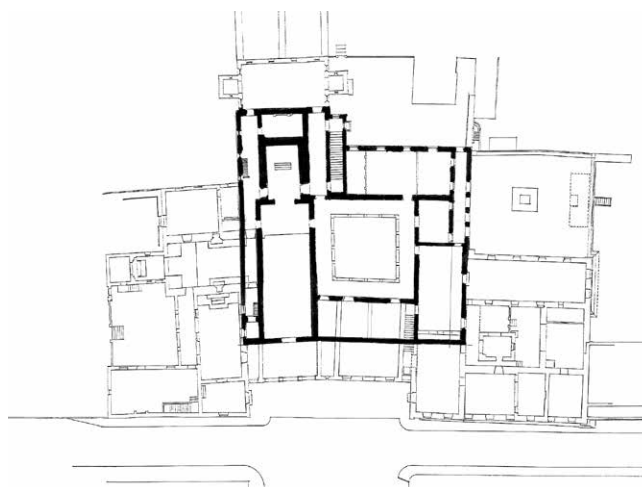
Construído, depois de 1654, foi ampliado com uma sacristia na parte Leste. Logo depois da Guerra dos Mascates, os olindenses edificaram, em 1712, a Capela de São Roque que seria grandiosa na ornamentação. Rivalizando com a Capela dos Terceiros do Recife. Depois construiu-se uma sacristia própria e a Capela dos Noviços, então colada na igreja principal e voltada para a rua. Um outro corpo conventual somou-se ao antigo do lado Sul. Um pórtico foi realizado na mesma época.

Atualmente, o conjunto arquitetônico, localizado na Ladeira de São Francisco, em Olinda, é propriedade da Arquidiocese de Olinda e Recife, ocupado por frades da Ordem Franciscana Menor, e compreende a Igreja de Nossa Senhora das Neves, em nave única, capela-mor, sacristia, coro, claustro, Capela de Sant'Ana, Capela do Capítulo, campanário, o adro com o cruzeiro e a Capela de São Roque. O conglomerado é constituído por três pavimentos e é setorizado em três blocos: o conventual, privativo dos religiosos, que dispõe de biblioteca; a área acessível ao público, onde se encontram as capelas e o claustro; e a área correspondente à Ordem Terceira, situada a norte do conjunto, em que apenas é permitido o livre acesso à nave e capela-mor de São Roque.

À luz da arquitetura dos conventos de franciscanos, o de Olinda não oferece, isolado da Ordem Terceira, nenhuma novidade. Um grande ou também originalmente menor salão, a nave, com sua capela-mor e ao lado o claustro, o qual somente bem avançado no tempo adquire as características que hoje possui. O diferente dessa no ambiente é que em um dos lados da nave abre-se à Capela dos Terceiros. O acesso a esta capela dá-se por meio de um grande arco, constituindo um ambiente interno no formato de um T, uma relação espacial singular e que une as duas ordens como, de fato, elas são espiritualmente (talvez antes existisse apenas uma porta).

O Conjunto Franciscano é Monumento Nacional inscrito no Livro de Belas Artes, folha 33, conforme Processo nº 143-T, Inscrição nº 189, de 22 de julho de 1938. Foi um dos primeiros a ser alvo de intervenção do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN. A intervenção foi inicialmente de teor conservacionista. Depois ela atingiu a restauração das obras de talha e pintura. Tempos mais adiante ocorreu a recuperação da sacristia, atingida pelo fenômeno de deslizamento dos morros de Olinda. Restaurou-se o retábulo-mor, pelo grupo CECI, da capela-mor de São Roque, assim como parte da Capela dos Noviços.

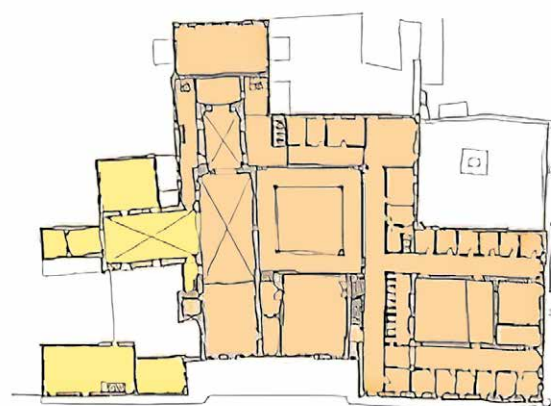
O Convento dos franciscanos de Olinda, edificado desde aquele século XVI, constitui, ao considerarmos as várias épocas de suas diferentes construções, um magnífico exemplar de convivência de tempos e estilos. Seus telhados, tudo recobrando, guarda uma enorme relação com o ambiente paisagístico onde se encontra inserido, de forma tão harmoniosa que nos leva a pensar de uma mesma autoria.



Conjunto conventual antes de 1630.



Conjunto conventual depois de 1712.



- Ordem Terceira
- Convento de São Francisco



Conjunto conventual atualmente.



- Ordem Terceira
- Convento de São Francisco

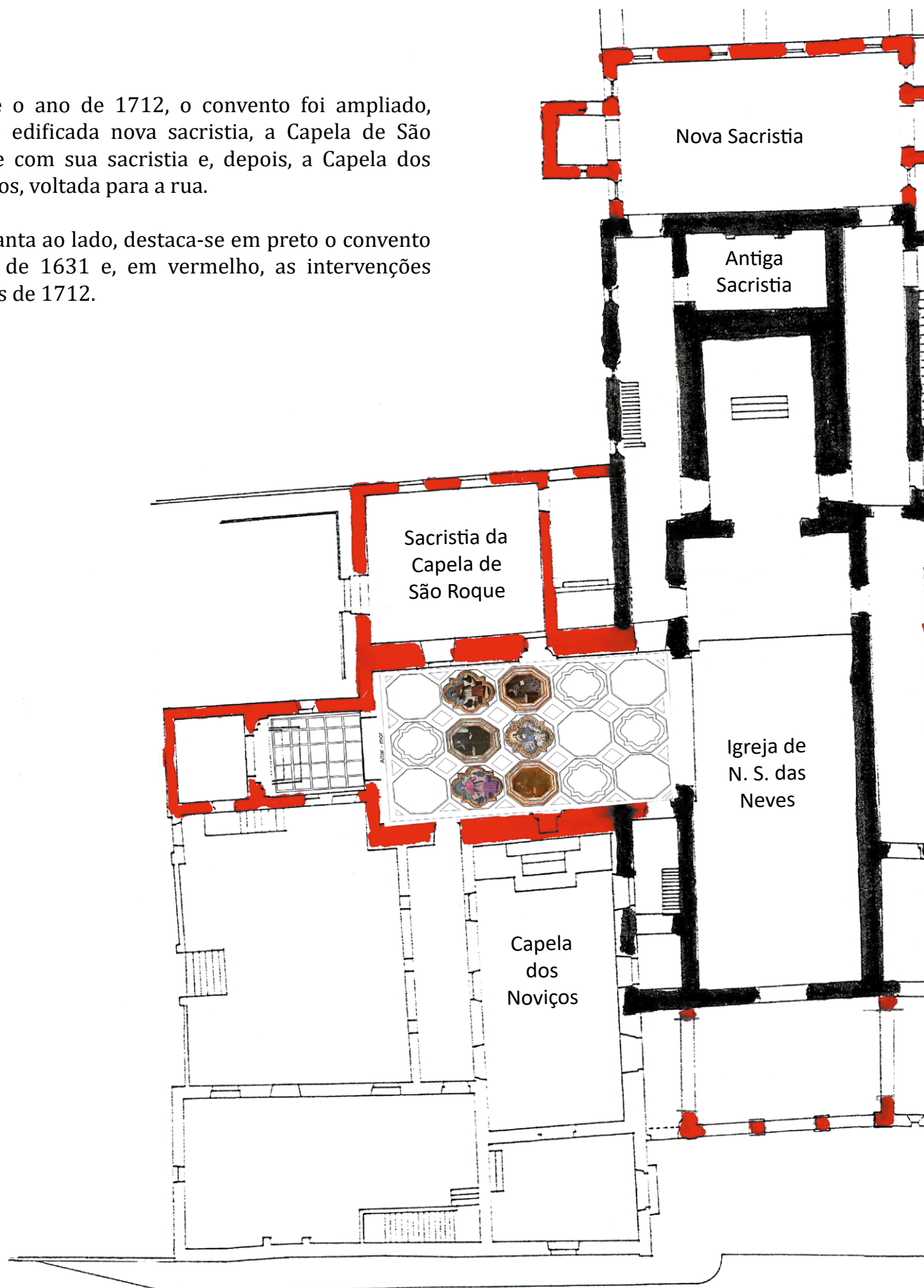


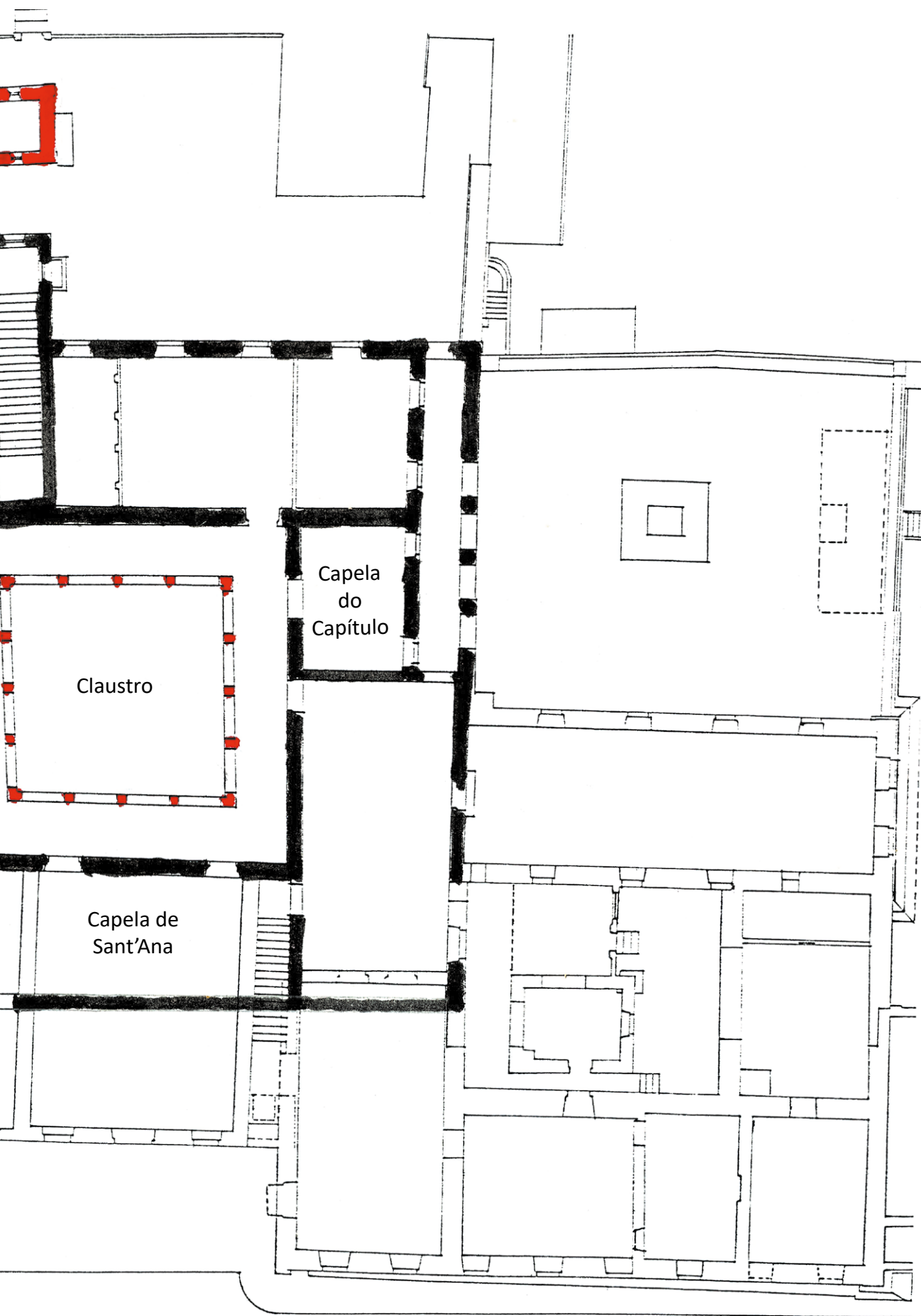
Claustro do Convento Franciscano construído após o incêndio de Olinda. Nas paredes encontram-se 16 painéis de azulejos portugueses que retratam a vida e a morte de São Francisco de Assis.



Desde o ano de 1712, o convento foi ampliado, sendo edificada nova sacristia, a Capela de São Roque com sua sacristia e, depois, a Capela dos Noviços, voltada para a rua.

Na planta ao lado, destaca-se em preto o convento antes de 1631 e, em vermelho, as intervenções depois de 1712.







Nova sacristia construída quando da ampliação do convento.







Jaboatão (1858), ao se referir à sala capitular, assim se expressa: "A Capela, que chamamos Capítulo em nossos claustros, é neste uma das mais perfeitas e devotas que tem hoje esta Província, só se lhe acha o azar de ser mais pequena do que devia, pois a deixou, quem traçou o Convento novo, na mesma forma em que estava no antigo. Acha-se forrada toda, assim no teto, como nas paredes, com bons painéis de molduras douradas e de perfeita pintura, correspondente a alguns Passos da fuga para o Egito e Desterro da Senhora, objeto compassivo, a quem é consagrada esta Capela, nas três peregrinas imagens dos que o executaram Jesus, Maria e José, todas de perfeitíssima escultura e terníssima devoção.

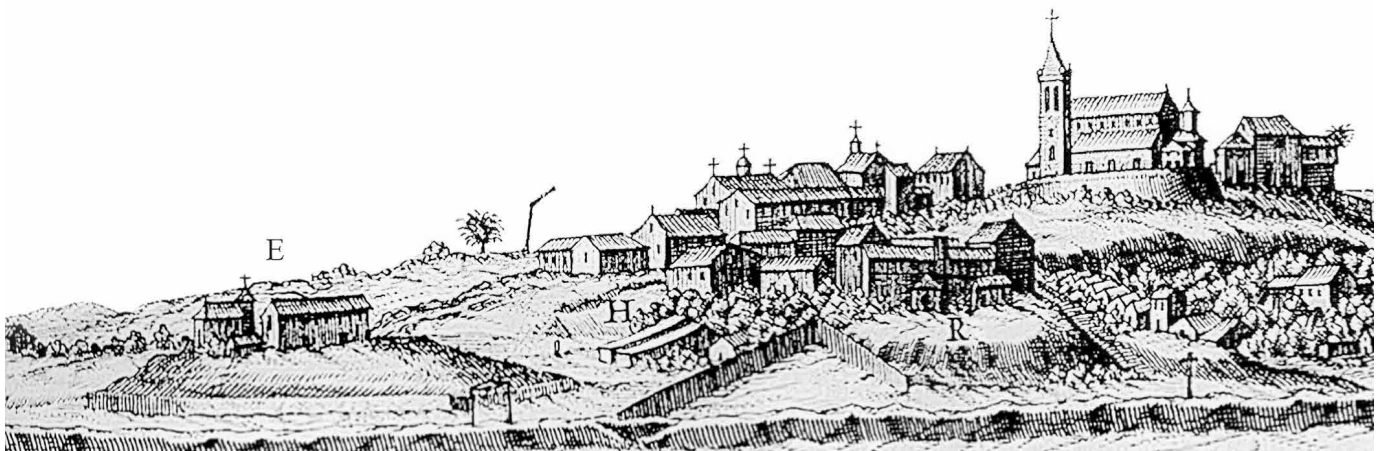
A CAPELA DE SÃO ROQUE

A capela de São Roque, conforme vimos, a primeira, situava-se no Montinho, ou seja no local onde, na entrada da vila de Olinda, veio a ser edificado o Mosteirinho de São Bento (E), ora visto na estampa gravada intitulada *Marin d'Olinda*, que ilustra o livro de J. de Laet, sobre a Companhia das Índias.

A Capela de São Roque, que ora nos interessa, é aquela edificada quando da grande reforma do convento de Nossa Senhora das Neves, depois de 1654. Temos de distinguir nesse convento pelo menos três intervenções significativas. A primeira corresponde ao projeto de Frei Manoel da Ilha e está bem afim com as ideias de São Francisco de Assis para uma instituição de mendicantes. Ele pode ser visto naquela referida estampa, ainda não completo, por não existir a crasta (ou claustro), conforme será objeto de segunda intervenção.

Depois de 1654, e mesmo durante o domínio da Companhia das Índias Ocidentais, algumas obras foram provavelmente realizadas. A grande ampliação do convento, onde se completaram as obras, inclusive se fez nova sacristia, o claustro e a capela de São Roque, começou, com maior intensidade no momento em que Olinda está em questão com a povoação dos Arrecifes, depois de 1709-1710, quando este último lugar foi elevado à Vila.

Em 1712, decide-se construir a capela de São Roque e demais citadas obras. O que nos preocupa, historicamente, é o tempo em que permaneceu a capelinha no montinho. Teria se extinguido a Ordem Terceira ou foi mantida em capela própria no convento de antes de 1630? Pereira da Costa fala-nos de uma capela separada do convento e situada no mesmo local onde foi edificada a atual, com a abertura de um grande arco para a nave da Ordem Primeira. A seguir citamos um trecho nosso sobre a Ordem Terceira de Olinda, de outro voltado ao Convento de N. Sra. das Neves. Então com outra ordenação.



Detalhe da gravura de J. de Laet, mostrando a localização do Mosteirinho de São Bento (E).

A CONSTRUÇÃO

Em 1711, os terceiros franciscanos de Olinda começam a construção de sua capela, situada de forma ortogonal em relação à igreja da ordem primeira, nascendo desde a lateral da nave, na parte do antigo Evangelho. O espaço desta nave da igreja dos frades da ordem primeira interliga-se com o de mesmo teor da capela dos terceiros através de um grande arco em solução bem singular. Esta maneira de relacionar os dois ambientes de culto se constitui em uma característica que se tornou frequente nos conventos franciscanos do Nordeste. Germain Bazin, ao se referir de maneira geral às capelas terciárias nos conventos dos franciscanos informa-nos: “A igreja da Ordem Terceira, quando se construía uma perto do convento, geralmente era uma grande capela fora da obra, perpendicular à nave central do lado do Evangelho, e que abria para esta através de uma grande arcada. Essa disposição perpendicular é bem antiga. Era assim no Rio, na igreja conventual de 1616, a situação da capela dos Terceiros inaugurada em 1622 como mostra a planta holandesa do Rio, no Reys Boeck van Het Riske Brasilien, publicado em Amsterdã, em 1624.” A origem pode ter sido a capela dos Terceiros do Rio de Janeiro, mas a consagração do modelo foi no Nordeste. Somente em Pernambuco poderemos relacionar os seguintes conventos onde tal solução foi adotada: Convento de Santo Antônio de Igarassu; Convento de Santo Antônio do Recife e esse de Olinda. Na Paraíba, temos o de João Pessoa. Em Alagoas, Penedo, o Convento de Nossa Senhora dos Anjos tem a mesma forma de dispor a capela dos Terceiros.

A ORNAMENTAÇÃO INTERIOR

A Capela dos Terceiros de Olinda abre-se, como se disse, para a nave da Igreja de Nossa Senhora das Neves através de um grande arco. Tal arco encontra-se revestido, costume que tem lugar desde o último quartel do século XVII, de uma obra de talha, de linguagem e execução eruditas da época de D. João V. É uma talha de feição robusta, movimentada e fiel aos modelos portugueses e que, no Brasil, fez escola, desde o Rio de Janeiro a Pernambuco.



Acima, detalhes da talha que reveste o arco de acesso à Capela de São Roque.

A capela era para ser, provavelmente, inteiramente revestida de madeira entalhada, além do arco referido, em situação similar àquela da Capela Dourada, dos Terceiros Franciscanos do Recife, embora em disposição diferente. Não foi a obra concluída e hoje se tem apenas o revestimento da parede que envolve o arco da capela-mor. Segundo Bazin, é a parte superior deste revestimento de talha dos mais antigos no estilo, onde se destacam os medalhões com bustos. A parte inferior, com os dois retábulos colaterais é posterior, de outra fase de trabalhos. Não é de estranhar que um interior tenha sido revestido em momentos diferentes e até distantes um do outro. Na Capela Dourada no Recife, a talha que a recobre inteiramente foi executada em fases distintas, embora próximas. Com certo interesse podemos encontrar e identificar cada uma delas. O altar principal da Ordem Terceira de Olinda pertence, em termos da talha, ao período de execução dos três altares da Ordem Primeira.

AS PINTURAS DOS FORROS

Nessa capela de São Roque dos Terceiros Franciscanos de Olinda, o que é admirável é o seu forro, em artesoados. Além do excelente traçado, onde se harmonizam octógonos e losangos. No centro do teto destaca-se outra forma polilobada, onde se encontra uma pintura de Nossa Senhora da Conceição. Cada um dos caixotões contém pintados santos de devoção franciscana. Houve por parte do artista, que executou o forro, o cuidado de dispor os santos pintados de tal sorte que a simetria fosse respeitada com relação às figuras representadas e os fundos neutros ou com paisagens. Os santos escolhidos para figurar no forro foram os da devoção franciscana, presentes em outras casas da mesma Ordem. As pinturas são de excelentes feituas e, tudo leva a crer, de um mesmo artista. Compara-se tal conjunto pictórico com aquele da Ordem Terceira dos Franciscanos do Recife, ou, ainda, com o da igreja de Nossa Senhora da Misericórdia de Olinda e, essencialmente, com o da Igreja do Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da mesma cidade. É, infelizmente, difícil precisar os

artistas que trabalharam nessas diversas igrejas, onde se encontram pinturas enquadradas em um mesmo período de tempo do século XVIII. Por outro lado, nem todas as pinturas encontram-se restauradas, o que implica em dificuldades para uma comparação de estilos e técnicas. É interessante destacar, no entanto, que as pinturas da Capela de São Roque são, na verdade, das melhores desses conjuntos citados.

A Capela-mor da igreja dos Terceiros tem também uma série, disposta na abóbada de berço, de tábuas pintadas e emolduradas, em aplicação conforme reticulado semelhante ao dos caixotões artesoados.

A sacristia dos Terceiros, ao lado da capela, tem teto pintado com cartelas, em colorido semelhante ao usado na segunda metade do século XVIII, talvez do último quartel.

Os irmãos Terceiros, em data que não podemos precisar, constroem, paralelamente à igreja da Ordem Primeira, uma Casa da Oração, hoje oculta pela construção de um consistório que avança em direção à galilé.

Quando da restauração do retábulo-mor da capela (2009) um relatório assim descreveu o estado da mesma e do restante do interior na altura das obras:

A capela de São Roque, local que apresenta o maior número de obras de arte e bens integrados da Ordem Terceira, destaca-se pela presença dos seguintes elementos: forro em caixotões, com pinturas isoladas a óleo sobre painéis de madeira; cabeceira da nave com dois retábulos laterais ao arco cruzeiro, totalmente revestidos por talha em madeira policromada e com pintura dourada; dois retábulos localizados em cada ilhargia da nave, sendo o do lado do Evangelho dedicado a São Bendito e o do lado da Epístola dedicado a Santo Antônio; cadeiral em madeira escura finamente entalhada nas laterais da nave central da capela; dois balcões em talha de madeira policromada; púlpito entalhado; sanefas sobre as portas de acesso à sacristia e outras dependências da Ordem Terceira, também em madeira esculpida e policromada; e o retábulo da capela-mor dedicado a São Roque.

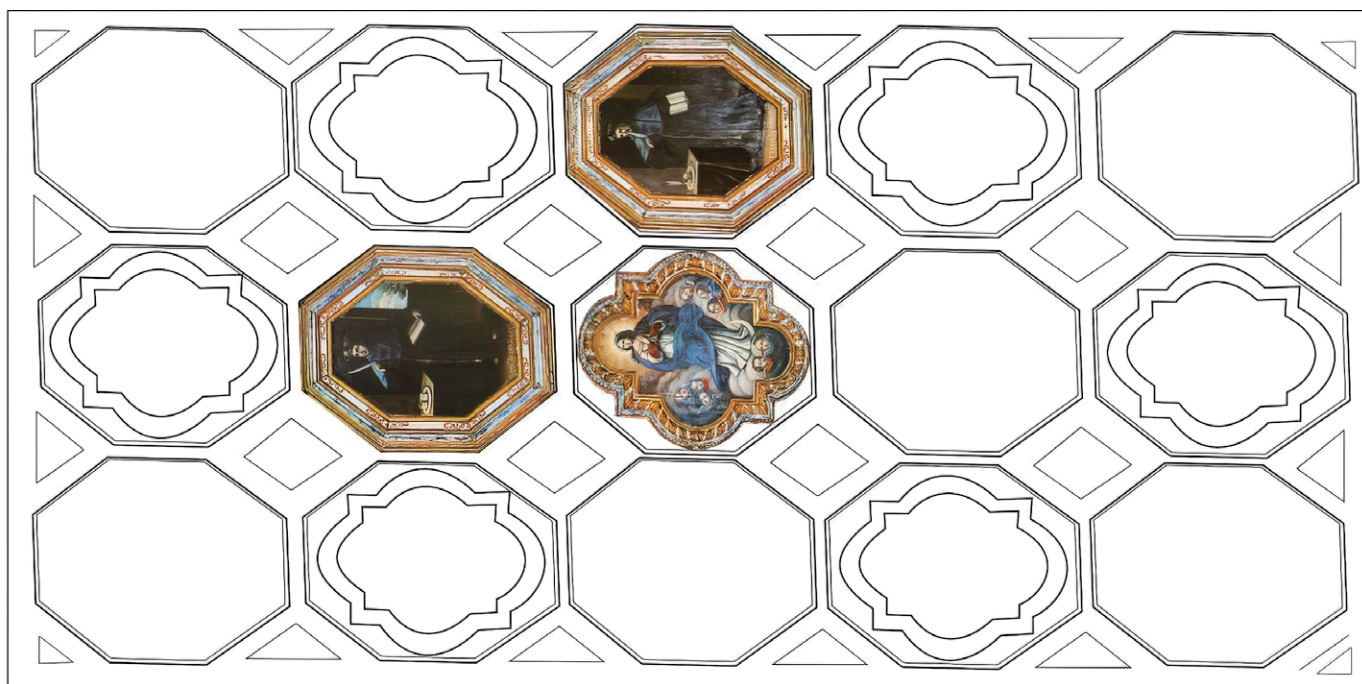
Uma passagem em madeira que unia o corredor do lado da igreja da Ordem Primeira foi removido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, sendo então restaurado o belo arco Dom João V que revestia a cantaria. O forro em caixotões artesoados tem 14 pinturas no entorno da representação clássica de Nossa Senhora da Conceição.

O FORRO ARTESOADO

Os artesoados podem ter sido resultantes dos soalhos e das peças de sustentação, onde, à maneira dos caixotões do Panteão de Agripa, em Roma, foram dispostas molduras em madeira, com mesma aparência. Deste aspecto resultante nasceu, provavelmente, a ideia de usar de igual forma nos forros, somente criando desenhos dos mais variados para os artesoados, ora um tanto falsos em relação ao exemplo anterior.

Os desenhos são desde os mais simples, como triângulos, ao mais complexos, onde losangos, formas estreladas e octógonos configuram a composição. Um dos mais complexos encontramos na Igreja dos Franciscanos de Salvador, na Bahia.

O artesoado da Ordem Terceira é bem simples, mas de um desenho admirável. Aos octógonos alongados incluem-se peças polilobadas para destaque dos santos de maior importância. Um magnífico forro.



Representação do forro da nave da Capela de São Roque, com 15 caixotões octogonais e 8 losangos.

A disposição desses polilobados obedece a um ritmo que torna o forro mais belo. Também as pinturas estão equilibradas na disposição entre elas.

O forro da nave tem 15 caixotões octogonais e oito monges não nomeados, em formato de losango. Abaixo segue lista dos representados nos octógonos:



Exemplo de imagem em losango.

1. A Virgem Maria da Conceição
2. São Francisco
3. São Carlos Borromeu
4. S. Joanna Rainha de Castela
5. S. Fernando Rei de Castela
6. S. Branca Rainha de França
7. B. João Duns Escoto D. Subtil
8. B. Liam Arcebispo
9. Frei Ricardo D. Fundado
10. São João Arcebispo
11. Beato Mateus Rubeo
12. S. Henrique R. de Dasia
13. S. Boaventura Dr. G.
14. F. Guilherme P. dos Numinaes
15. S. Carlos D.

Adiante, destacamos algumas das personalidades representadas na capela dos franciscanos da Ordem Terceira de Olinda.



Forro artesoado da nave da Capela de São Roque, com 15 caixotões octogonais e 8 losangos.





OS SANTOS, BEATOS E MONGES

Na organização da Ordem dos Frades Menores, os lugares de culto deveriam homenagear santos cujas virtudes edificantes pudessem ser úteis para o crescimento da organização. Em Portugal, a exemplo,

a implantação dos franciscanos deu-se num período de descrença e de enfraquecimento das tradicionais ordens monásticas que os precederam – essencialmente compostas pelas ordens de São Bento e de Santo Agostinho – posteriormente agravado nos séculos XIV e XV. A grande expansão que teve o movimento franciscano em Portugal pode se considerar uma reação contra o espírito monástico precedente, e, de uma forma geral, contra a burocratização da hierarquia eclesiástica.

As congregações antigas eram grupos privilegiados, poderosos e ricos, relacionados com a classe dominante, a nobreza, e tinham comunidades instaladas geralmente nos meios rurais. Contrariamente, a nova ordem, cujo ideal se baseava no testemunho da pobreza evangélica e no amor ao próximo, preferiu-se os meios urbanos, onde mais facilmente se podia difundir a sua mensagem e garantir a sua subsistência. Era desprezada e mal vista pelo alto clero, nele encontrando hostilidade e oposição nas várias localidades onde se queriam instalar. Apesar disto, acabaram por difundir a sua mensagem e operar diversas modificações na Igreja Católica dos séculos XVI e seguintes.²

Em 1223, a Ordem contava já com cinco mil frades e, em 1264, possuía oito mil casas.³

Para melhor coordenação das atividades, o mundo foi dividido em Distritos e Províncias de Missão. São Francisco quis que a Ordem fosse dirigida por um ministro geral, cada província por um ministro provincial, e cada convento por um guardião.

Na organização dos lugares de culto, as devoções refletiam, para melhor entendimento dos fiéis, aquelas que se distinguiam de acordo com as ideias da Regra de São Francisco. Locais ou gerais, os escolhidos deveriam ser reconhecidos como exemplos. As capelas dos terceiros, nos forros, com ou sem artesoados, o santo e pessoas importantes da Ordem são representados. Assim foi São Carlos Borromeu, entre outros. Cada lugar onde chegavam os frades menores, eles tinham de escolher os santos locais, ao lado dos que protegiam a ordem religiosa,

2. LOPES, Frei Fernando Félix. *Colectânea de Estudos de História e Literatura: a Ordem Franciscana na História e Cultura Portuguesa*. Vol. II. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1997, p. 18.

3. ALMEIDA, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal*. Vol. I. Porto: Portucalense Editora, 1967, p. 126-127.

B. Ioaõ Escoto D. Subtil



com suas ações e virtudes, a exemplo de Dom Fernando Rei de Castela e Leão.

Deste modo, não é fácil saber as razões das homenagens em efígie nas igrejas e capelas da ordem ou irmandades.

Nos casos de Olinda e Recife, alguns santos estão bem identificados, outros necessitam de um estudo maior, considerando o tempo da construção do lugar de culto. Dessa forma, alguns dos que estão no forro da capela de São Roque, em Olinda, são facilmente reconhecidos. Outros, por sua importância local ou indicação de alguém da Ordem Primeira, são de difícil identificação. Esta é a ressalva que ora faremos. Essas homenagens surgem também em capelas, onde as esmolas estavam de acordo com os pecados dos homens, que ajudavam na forma decorativa interna dos lugares de culto, cujos membros eram das áreas dos senhores de engenhos e negociantes, respectivamente.

A PINTURA DA VIRGEM DA CONCEIÇÃO

No centro do forro em arcosoados, domina a representação da Virgem da Conceição. Uma das belas pinturas daquela primeira metade do século XVIII. Em toda a casa conventual dos franciscanos ela está presente e destacada. Estes monges ergueram a bandeira da defesa da concepção e deram uma resposta à altura aos evangélicos que pouca importância deram àquele momento. A uma Virgem não concebida com o pecado. Originada, por sua vez, de uma mãe, reconhecida como imaculada de tal dano espiritual e material.

O culto da Virgem demorou a aparecer: isto porque não somente ela era desprovida de auréola de mártir, mas ela não havia praticado nenhum milagre conhecido. Não existia relíquias corporais. Ter sido mártir, realizado milagres, e a existência das relíquias eram as três fundamentais, podemos dizer essenciais, para caracterizar o culto de um santo.

Os cristãos dos primeiros séculos reservavam sua veneração aos mártires, que haviam vertido seu sangue pela fé. A Virgem, que não havia sofrido corporalmente, salvo no momento da natividade, foi assimilada por um artifício teológico.

Eles estabeleceram um paralelo entre a Paixão de Cristo e a Compaixão da Virgem. A mãe foi moralmente, senão fisicamente, crucificada ao mesmo tempo que seu filho. As sete estações a caminho da cruz correspondiam às sete dores da Virgem. Seria mais o sentido maternal, o dominante, e não aquele que a identificasse como uma santa.

Seu culto, visível em um díptico em marfim, parece ser bem do século XIV, ora conservado entre os tesouros da abadia de Kermansmunster, na Áustria. No século XVII, um gravador flamengo, J. Wierix, representou a Virgem com seu filho crucificado.

No século XVI, os franciscanos adotaram a defesa da imaculada, diante da visão dos evangélicos da mulher simplesmente mãe do Salvador. Assim, ela aparece em todos os conventos dessa ordem religiosa.

A primeira ordem a assim proceder foi a Cisterciense, por iniciativa de Bernardo, da Abadia de Citeaux, na França. Daí tal devoção estendeu-se às demais e, entre elas, fortemente a franciscana.

A pintura da Ordem Terceira de Olinda está bem afim com aquela da igreja de Nossa Sra. da Conceição, logo perto, e deve pertencer ao mesmo conjunto de artistas, ora desconhecidos desse momento tão rico de Olinda. Embora talvez seja ainda de pouca certeza, as pinturas da Ordem Terceira parecem ser de um único artista, assim como a composição dos lugares das mesmas no forro, conforme comentaremos adiante.

O modelo empregado pelo pintor foi, provavelmente, a Conceição de Murillo⁴, naturalmente, com a sua contribuição pessoal.



A Imaculada Conceição do Escorial, óleo sobre tela de c. 1665, de Bartolomé Esteban Murillo. Fonte: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/la-inmaculada-de-el-escorial/>.

4. Bartolomé Esteban Murillo (1617 - 1682) é um pintor do barroco espanhol, nascido em Sevilha, onde passou a maior parte da sua vida. Iniciou a sua aprendizagem artística com o seu (suposto) tio, Juan del Castillo, cujos trabalhos eram respeitados no ambiente artístico sevilhano. Entre as obras mais elogiadas de Murillo estão as suas versões da Imaculada Conceição. O estilo do pintor conquistou o público pela beleza e ternura que emanam das suas figuras, além de se conectar com a devoção mariana que se vivia no século XVII.

A ICONOGRAFIA DE SÃO FRANCISCO

São Francisco de Assis é um dos mais importantes santos medievais. Nascido em 1181 ou 1182, em Assis, na Itália, recebeu o nome de Giovanni di Pietro di Bernardone, que depois foi modificado por seu pai para Francesco (em português Francisco).

Ao fundar a Ordem dos Frades Menores, peregrina, tal como fez Cristo, seu espelho de vida, e, com sua oratória, chega a provocar a gente a criar, em decorrência, uma terceira ordem, a dos leigos.

Em 1223, vai em peregrinação a Belém, onde nasceu Cristo, no período do Natal. No ano seguinte, retira-se em solidão no monte Alverne, onde tem uma visão de Cristo e dele recebe os estigmas.

Uma vez morto (1226), aos 44 anos de idade, transformou-se em uma lenda, sendo comparado a Jesus Cristo, face a seu exemplo e razão de suas ideias religiosas.

Sua iconografia é marcada por temas de antes e depois do Concílio de Trento. Na iconografia medieval, os temas mais importantes foram: São Francisco nascendo, qual Cristo, em um estábulo; São Francisco batizando-se, à maneira de Cristo; um burguês de Assis se despindo das suas ricas roupas diante de uma gente e do pai; São Francisco dando um casaco riquíssimo a um miserável; São Francisco pregando para as aves e diante da natureza, além de outros. Nesse período, destacam-se as pinturas de Giotto di Bondone⁵. Na Basílica de São Francisco, em Assis, os afrescos de Giotto estão localizados na parte inferior da nave, formando um ciclo narrativo sobre a vida de São Francisco, composto por 28 cenas.



Pintura de Giotto di Bondone, em que S. Francisco se despe, renunciando às coisas mundanas.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Giotto_-_Legend_of_St_Francis_-_05_-_Renunciation_of_Wordly_Goods.jpg

5. Giotto di Bondone nasceu em 1267, em Colle di Vespignano, uma vila na região de Mugello, nordeste de Florença, na Itália. Ele foi um pintor cuja arte revolucionária marcou a transição entre a pintura medieval e bizantina e a pintura renascentista. Giotto introduziu os primeiros elementos de perspectiva na pintura europeia e distinguiu seus santos pela representação de características humanas comuns, conferindo-lhes uma humanidade mais palpável, antecipando, assim, os princípios humanistas do Renascimento. Suas obras estão dispersas por toda a Itália.

A Reforma Tridentina (1545-1563) utilizou São Francisco, em termos de retorno ao espiritual e místico de Cristo, para se contrapor à Reforma Protestante. Daí a força que adquiriram os frades menores, depois dessa ação da igreja. A partir desse período, o tipo físico de São Francisco se transforma, passando a ser representado como um asceta, um espectro, em roupa de frade (hábito terroso da Ordem com escapulário e capuchão largo da mesma cor, cordão branco e nó cingido). El Greco⁵, Zurbarán⁶ e José Ribera traduziram bem tais atributos do Santo. O caráter místico e o visionário são nele acentuados. A última comunhão de Francisco é representada com o interesse do tema para a Contrarreforma.

Seja em El Greco ou Zurbarán, seja em todos os grandes pintores italianos dos séculos XVI e XVII, a iconografia franciscana privilegia então os temas de contemplação, do silêncio, da interioridade, do exame de consciência e autoconhecimento: é representado, muitas vezes, sobre a efígie de um eremita em meditação, na entrada de uma caverna, ou sobre a vaidade das coisas deste mundo, a mão apoiada sobre um crânio e os olhos fixos em um crucifixo, numa dimensão ascética e, ao mesmo tempo, mística (VAUCHEZ, 2010, apud FEDERIZZI, 2017).



Acima, São Francisco recebendo os estigmas no Monte Alverne. Pintura de El Greco, localizada no Real Mosteiro de São Lorenzo de Escorial. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:El_Greco_054.jpg.

À direita, Zurbarán pinta São Francisco na roupa de frade com burel, uma rústica corda na cintura e contemplando uma caveira na mão. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Francisco_de_Zurbar%C3%A1n_-_St._Francis_Contemplating_a_Skull.jpg

6. El Greco (1541-1614) foi um pintor, escultor e arquiteto grego que desenvolveu a maior parte da sua carreira na Espanha. Seu estilo dramático e expressivo o fez ser considerado um artista tão individual e não pertencente a nenhuma das escolas convencionais.

5. Francisco de Zurbarán (1598-1664) foi um renomado pintor espanhol do século XVII, durante o período conhecido como o "Século de Ouro" da cultura do país. Ele é reconhecido por suas obras que refletem os ideais religiosos da Contrarreforma.



S. Francisco DE ACIS

Um feito historicamente certo e o preferido pelos artistas foram as cinco chagas impressas nas mãos, pés e costas, representadas como uma virtude heróica do santo, no Monte Alverne. Esta cena é representada de diferentes formas no Conjunto Franciscano de Olinda, como nos azulejos do claustro (na imagem abaixo) e no forro da sacristia da Capela de São Roque (na página ao lado).

Outros temas que se destacaram também foram: São Francisco sendo consolado em sua enfermidade por um anjo com um instrumento musical e o livro da Regra (ilustrado no forro da Capela dos Noviços).



Está sempre representado com a roupa de frade com burel, conforme o pintou Zurbarán, com uma rústica corda na cintura.







SÃO CARLOS BORROMEU

São Carlos Borromeu (1538-1584) foi um Cardeal italiano e Arcebispo de Milão. Seu zelo pastoral e sua caridade heroica transbordaram diante da epidemia de peste de 1575. Participou ativamente do Concílio de Trento e defendeu fervorosamente a liturgia e a disciplina eclesiástica.

Este santo é frequentemente representado vestindo roupas de cardeal, com um capelo largo, ornamentos pontificais, um crucifixo na mão e corda no pescoço, simbolizando como ele caminhava em procissão de penitência. Outros símbolos incluem um crânio, disciplina ou cilício, e o báculo arcebispal com uma cruz dupla. Outras representações incluem S. Borromeu socorrendo vítimas da peste de Milão, ajoelhado diante de um altar em oração, enquanto um soldado lhe dispara uma arma, da qual saiu ileso (ROIG, 1999, p. 68).

S. JOANA RAINHA DE CASTELA

Joana de Dammartin ou Joanna d'Aumale (1220 - 1279) foi rainha consorte de Castela e Leão pelo seu casamento com Fernando III de Leão e Castela, em 1237, e condessa de Ponthieu e Montreuil, por seus pais (Simon de Dammartin e Maria de Ponthieu e de Montreuil). Foi casada com Fernando III, com quem teve cinco filhos. Depois da morte do monarca, em 1252, D. Joana regressa à França, onde se casa com Jean de Nesle, senhor de Falvy et de La Hérelle.

S. FERNANDO REI DE CASTELA

Fernando III nasceu no Mosteiro de Valparaíso, na Província Eclesiástica de Santiago, cerca de 1198 ou 1199. Filho de Afonso IX, rei de Leão, e de Berenguela, rainha de Castela. Conhecido como “Conquistador de Andaluzia”, dedicou grande parte do seu reinado à reconquista dos territórios ao sul da Península Ibérica, que estavam sob o domínio dos muçulmanos. Segundo relatos hagiográficos, o monarca nunca perdeu nenhuma batalha em defesa da fé cristã. Morreu em 30 de maio de 1252 e foi sepultado na Catedral de Sevilha. Seu processo de canonização iniciou-se em 1629, sendo proclamado santo pelo papa Clemente X, em 1671.

É representado vestindo uma larga túnica, quase talar, e manto de arminho; quase sempre jovem e imberbe com cabelo à romana, ostentando coroa, cetro e esfera, como atributos ligados à realeza. O rosto, nos quadros de Murillo (Catedral de Sevilha e Prado) tem certo valor de retrato, porquanto o autor se serviu de outro pintado em vida do santo. Outros atributos pessoais são uma estatueta da Virgem, que sempre trazia em suas batalhas e que se acredita ser a que se conserva na Catedral de Sevilha, com o nome de Virgem das Batalhas; o estandarte de Santiago com a Cruz de Calatrava, além do escudo de armas e uma



S. Fernando R de Castela



S. Branca R. de Franca

chave no manto, que teria sido entregue pelos mouros quando ele conquistou Sevilha (ROIG, 1999). Sua trajetória é lembrada especialmente na historiografia do século XIX, onde os seus feitos políticos e militares foram exaltados como um dos formadores da nação espanhola.

Sua trajetória é lembrada especialmente na historiografia do século XIX, onde os seus feitos políticos e militares foram exaltados como um dos formadores da nação espanhola.

S. BRANCA RAINHA DE FRANÇA

Blanche de Castille ou Branca de Castela (1188 - 1252) nasceu na Espanha, filha de Afonso VIII, rei de Castela, e Eleanor da Inglaterra. Foi rainha da França por seu casamento com Luís VIII. Atuou como regente duas vezes durante o reinado de seu filho, Luís IX. Fundou dois mosteiros cistercienses (ordem religiosa monástica católica beneditina restaurada): em Maubuisson e em Dammarie-lès-Lys, ambos na França. Blanche era patrona das artes e possuía uma variedade de livros, tanto em francês quanto em latim. Seus atributos são os castelos de Castela e as flores de lis da França, que figuram nas suas armas.

B. JOÃO DUNS ESCOTO - D. SUBTIL

Beato João Duns Escoto ou Scotus, nasceu na Escócia, em 1266. Com cerca de 15 anos, ingressou na Ordem dos Frades Menores e, em 1291, foi ordenado sacerdote. Formado na Universidade de Oxford, lecionou em várias universidades, incluindo a de Paris e de Colônia, nesta última até falecer, em 1308. Filósofo e teólogo da tradição escolástica, foi chamado de Doutor Sutil, em reconhecimento aos seus raros dotes intelectuais. Foi beatificado em 20 de março de 1993, durante o pontificado do Papa João Paulo II.

LIAM ARCEBISPO - FREI LEÃO

Frei Leão foi um dos companheiros mais importantes de São Francisco de Assis, conhecido por sua pureza e simplicidade angelical, virtudes que São Francisco mais louvava nele. Frei Leão, além de culto sacerdote e hábil calígrafo, foi o confessor e secretário pessoal de São Francisco. Sua íntima relação com o santo fez com que fosse chamado carinhosamente de “frei pecorella de Deus” ou “frei ovelha de Deus”. Durante a experiência no Monte Alverne, em 1224, onde Francisco foi estigmatizado, Frei Leão, junto com outros frades, teve suas próprias experiências transformadoras com o fundador do franciscanismo. São Francisco, demonstrando sua consolação fraterna, dedicou a Frei Leão uma afetuosa bênção no manuscrito “Bilhete a Frei Leão”, que contém também a oração “Louvores ao Deus Altíssimo”. Leão recebeu do santo dois escritos autógrafos, reforçando ainda mais sua importância e proximidade com São Francisco (MORAES, 1737).



B. Ioa. Escoto D. Subtil





B. Mateus Ruben
C.

B. MATEUS RUBEIO

Na Crônica dos Frades Menores de Frei Marcos de Lisboa há uma referência a Mateus Rubeo que citamos, por ausência de outras fontes:

De outro muito nobre varão desta ordem dos penitentes. Cap. 9:

Foi desta Fraternidade Santa dos Penitentes Mateus Rubeo, fidalgo romano, pai do Papa Nicolau III. Tinha este Mateus Rubeo muita especial ordenação ao padre S. Francisco, e convidando uma vez ao santo Padre que quisesse jantar com ele, o Santo o aceitou pela sua devoção. E vindo S. Francisco à sua casa no dia assinalado, tardou ele que estava fora e não veio tão cedo, quem primeiro não dessem de comer a muitos pobres, que tinha de costume manter. E o padre S. Francisco como viu pobres comer em terra, com a lembrança de Cristo pobre, meteu-se entre eles, não atentando nisso os criados do seu hóspede, e comia com os pobres. Vindo Mateus Rubeo, perguntou por São Francisco, e não lhe havendo os seus dados do Santo recado, disse que não havia de comer sem ele, que o fossem buscar. E indo ver entretanto os pobres se comiam, viu entre eles o Santo, e sem dizer coisa alguma lavou as mãos, e sentou-se no chão junto de São Francisco dizendo: pois tu, padre, não queres comer comigo, eu comerei contigo, e ambos comeram em terra. Este Mateus Rubeo apresentou ao padre São Francisco seu filho João Gayetano, que era criança, para que lhe deitasse sua benção. O Padre lhe profetizou que não havia de ser frade no hábito, mas na devoção, e que havia de ser grande defensor de sua ordem e senhor deste mundo. E falando com a criança que tinha nos braços como se estivesse rezando, humildemente lhe encomendou a sua religião, não sem espanto e lágrimas de seu pai. Isto contou publicamente muitas vezes o dito João Gayetano, sendo Papa chamado Nicolau III, e gloriava-se de seu pai haver sido da Terceira Ordem de São Francisco.

Como vimos anteriormente, alguns dos retratados no forro da capela de São Roque requerem um estudo mais aprofundado, pois não são facilmente reconhecíveis. Por isso, a seguir, apresentaremos apenas as imagens desses personagens, sem descrições detalhadas.



B. Maleus Ruben
C

F. Ricardo D. Fundado

F. Guilherme Id. os Numinae



S. Ioão Arcebispo.







S. Carolus Borromeus



F. Guilherme P. dos Numinas







O RESTANTE DAS ORNAMENTAÇÕES

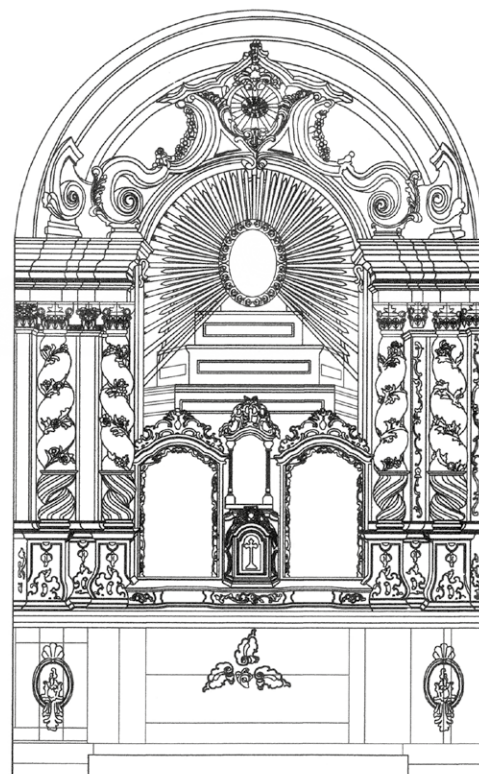
A Capela, projetada naquele ano de 1712, não é a que hoje temos. Daquele plano, tão bem concebido em pleno período de D. João V, restam o belo forro da nave, o altar-mor e a cabeceira da mesma. A incompletude reflete bem o que aconteceu com a comunidade religiosa. Faltaram recursos para a continuidade da talha nas ilhargas da nave e, talvez, ainda um tratamento de mesma envergadura na capela-mor. Esta tem de valioso, isto é, do gosto inicial, uma série de quadros delineando o que seria um artesoadado.

O altar-mor é obra de boa proporção de um entalhador mais tardio que aquele que realizou a talha da cabeceira. Seu último restauro foi realizado pela instituição CECI.

Ainda preserva o belo arco D. João V da entrada da capela. No mais, é obra incompleta. Não é resultante isto das mudanças de gosto e sim da falta de recursos, assim nos parece.

Tem ainda boas imagens pertencentes ao ciclo da cabeceira da nave.

O que nos deixa felizes é que tal incompletude é esquecida quando olhamos para cima e percebemos a riqueza do forro, na talha e das pinturas, assim como a cabeceira, cuja parte mais antiga é um excelente exemplar do tempo de D. João V.



ELEVAÇÃO RETÁBULO DE SÃO ROQUE
ESCALA: 1/25



Imagem do Relatório de Silvio Zancheti, 2009.



Vista da Capela de São Roque, a partir da lateral da Igreja de Nossa Sra. das Neves.





CONSIDERAÇÕES FINAIS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto franciscano que se espraia sobre uma colina voltada para o mar, pertence à escola franciscana de construções conventuais, encontrando-se entre as primeiras obras vinculadas, posteriormente, a tal modelo construtivo. As várias fases da construção o inclui entre os monumentos mais importantes da capitania de Pernambuco e sua fase mais antiga foi fixada. Do convento de Olinda tem-se boa representação, em gravura, anterior ao incêndio da Vila de Olinda, em estampa gravada intitulada “Marim de Olinda”, que ilustra o livro de J. de Laet.

Em 1630, a Vila foi tomada pela gente luterana e calvinista e, sem nenhum respeito por tudo isto, em 1631, tudo é inteiramente devorado pelas chamas. Era a humilhação das mais altas aos valores sociais e artísticos que estavam sendo consumidos pelo fogo. Era o orgulho dos da terra que sucumbia diante dos invasores. O episódio parece simples e natural em uma conquista, mas foi forte e marcante para os da terra. Perderam tudo, essencialmente a vaidade da aristocracia do açúcar. Deveria ser um espetáculo triste a retirada dessa gente para a Bahia.

Em 1654, deixaram o Nordeste os que representavam a empresa das Índias Ocidentais, mas a marca no Recife ficou diante da presença de João Maurício de Nassau e de seus empreendimentos. O Recife não tinha mais a marca lusitana e logo buscou remover de sua paisagem urbana aquilo que lembrasse tão malfadada presença.

Porém, Olinda, incendiada, era a memória de um tempo áureo que restava presente nos que dela fugiram. Lentamente, foi sendo reconstruída. E aquela aristocracia assim desejava. O espelho disso foi a reconstrução e ampliação dos conventos, colégio e igrejas. Não se explica pelos laços da economia tal valorização dos bens culturais, mas pela memória e orgulho dos da terra.

Em 1710, com a elevação do Recife à Vila, uma querela forte instala-se entre os negociantes do Recife, espelho fiel do desenvolvimento levado a efeito pela gente da Companhia das Índias e os aristocratas de Olinda. Pior que isto, um emprestava dinheiro ao outro.

Na questão, Olinda perdeu. O Recife virou Vila. A resposta, depois, não foi com armas e sim com a cultura. A reconstrução das casas religiosas, em Olinda, consumiu muito dinheiro e utilizou bons artistas.

Em 1711, decide-se construir a Capela de São Roque, da Ordem Terceira Franciscana, bem como se ampliar o convento com nova sacristia e claustro. Um projeto ousado, pelo que dele restou, de tal momento histórico.

Em resposta, no Recife, começou a ser edificada a Capela Dourada. Um louvor bem de acordo com os bens dos negociantes. Uma caverna de ouro.

Não houve vencedor ou vencido, tudo se transformou em beleza.

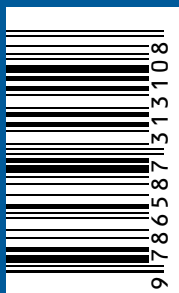


BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal*. v. I. Porto: Portucalense Editora, 1967, p. 126-127.
- BAZIN, Germain. *L'Architecture Religieuse Baroque au Brésil*. Paris: Librairie Plon, 1957.
- FEDERIZZI, Roberta Bassani. *Percursos pelo imaginário Medieval italiano: lendo imagens nos passos de São Francisco de Assis*. Tese de Doutorado. Passo Fundo-RS: Universidade de Passo Fundo, 2017.
- FRAZÃO, Dilva. *El Greco: Pintor grego*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/el_greco/. Acesso em: 14/01/2023.
- GALLICK, Sarah. *O Livro das Santas*. São Paulo: Fontanar, 2017.
- GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. *Alfonso X*. 2. ed. Burgos: La Olmeda, 1999, p. 42-43.
- JABOATAM, Frei Antonio de Santa Maria. *Novo Orbe Serafico Brasilico, ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1858.
- LISBOA, Frei Marcos de. *Primeira parte das Chronicas da ordem dos frades Menores [...]*. Lisboa: Casa de Ioannes Blauio, 1557-[1562].
- LOPES, Frei Fernando Félix. A Ordem Franciscana na História e Cultura Portuguesa. In: *Colectânea de Estudos de História e Literatura*. v. 2. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1997.
- MARTINS, Simone. *Giotto di Bondone*. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/giotto-di-bondone/>. Acesso em: 21/04/2018.
- MENEZES, José Luiz Mota. *História da restauração em Pernambuco*. 3 vol. E-book, 2017.
- _____. *Igreja e Convento de Nossa Senhora das Neves em Olinda*. Recife, 2012 (Livro no prelo).
- MORAES, Padre Manoel da Sylva de. *Vida admirável do mais raro milagre da natureza prodigio da graça, [...], dedicada à Senhora D. Fillipa de Noronha*. Lisboa: Officina de Manoel Fernandes da Costa. Impressor do Santo Officio, 1737 [B.N.L.: H.G. 1578 V.].
- OFM. *Beato João Duns Scotus*. Disponível em: <https://ofm.org.br/beato-joao-duns-scotus/>. Acesso em 08/11/2023.
- OLIVEIRA, Carla Manuela Baptista da Silva. *A Ordem Terceira de São Francisco na cidade de Guimarães (1850-1910)*. Dissertação de Mestrado em Patrimônio e Turismo, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Braga, Portugal, 2003.
- PELEGRINELLI, André. *O autógrafo de frei Francisco e frei Leão: texto e imagem em relação na Chartula di Assisi (séc. XIII)*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/339704108_O_autografo_de_frei_Francisco_e_frei_Leao_texto_e_imagem_em_relacao_na_Chartula_di_Assisi_sec_XIII. Acesso em: 15.01.2020.
- PEREIRA DA COSTA, F. A. *Anais Pernambucanos*. 2.d. Coleção Pernambucana. v. 2. Recife: Fundarpe, 1983.
- RAMOS, Jefferson Evandro Machado. *Francisco de Zurbarán*. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/artistas_obras/francisco_zurbaran.htm. Acesso em: 01/12/2019.
- REAU, Louis. *Iconographie de l'art Chrétien*. Paris: Presses Universitaire de France, 1955. 6 v.
- RIGAS, Rosiane. *Fernando III, o Santo, Rei de Castela e Leão (c.1198-1252)*. Disponível em: <https://pemuerj.wordpress.com/2021/01/31/fernando-iii-o-santo-rei-de-castela-e-leao-c-1198-1252>. Acesso em 31/01/2021.
- ROIG Juan Fernando. *Iconografia de los Santos*. Barcelona: Omega S. A., 1999.
- VALLADARES, Clarival do Prado. *Nordeste Histórico e Monumental*. 4 v. Rio de Janeiro: Odebrecht, 1982 a 1991.
- ZANCHETI, Silvio Mendes. *Conjunto Franciscano de Olinda: restauro de bens integrados da Ordem Terceira, retábulo da Capela de São Roque*. Relatório final. Olinda; CECI, 2009.







Situado no Sítio Histórico de Olinda, em Pernambuco, e cercado por casarios que representam distintos períodos da arquitetura, encontra-se o Conjunto Arquitetônico do Convento de São Francisco de Assis, fundado em 1585. Este importante marco arquitetônico e religioso, faz parte do patrimônio histórico brasileiro e reflete a presença franciscana no país desde os primeiros anos da colonização.

Nesta obra, José Luiz Mota Menezes retrata os aspectos arquitetônicos, históricos e artísticos do Conjunto Franciscano de Olinda, com destaque para a Venerável Ordem Terceira, que se instala nesse conjunto em 1711, tendo a sua capela, dedicada a São Roque, disposta de modo perpendicular à igreja do Convento, como uma solução arquitetônica específica dos conventos franciscanos do Nordeste brasileiro.



Produção:

BUREAU DE
cultura

Incentivo:


FUNCULTURA
FUNDO PERNAMBUCANO DE INCENTIVO À CULTURA

 **FUNDARPE**
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE
PERNAMBUCO

Secretaria
de Cultura



GOVERNO DE
PERNAMBUCO
ESTADO DE MUDANÇA